

# MIGRANTES CANUDENSES EM SÃO PAULO

## A MEMÓRIA NUM CONTEXTO DE DISCRIMINAÇÃO

**José Roberval Freire da Silva\***

*"Meu nome é Marli, tenho 18 anos, sou canudense com muito orgulho. Antes de mais nada, eu gostaria de agradecer muito a vocês porque não é fácil sair de São Paulo, ficar quase três dias dentro de um ônibus para ir conhecer Canudos. Sobre mim, há menos de um ano estou em São Paulo. Sou estudante, estou desempregada e o motivo que me trouxe a São Paulo é o motivo que traz a maioria dos nordestinos, do sertanejo. No livro Os Sertões, de Euclides da Cunha, tem um trecho que eu amo, que é muito bonito. Ele compara o sertanejo a Quasímodo e a Hércules. O que quer dizer isto? Quasímodo, não sei se vocês viram o filme, é uma figura muito feia. Um cara bem feio mesmo. Então, ele quer dizer que o sertanejo é desengonçado, desgracioso, não sabe andar, não sabe falar direito, não tem dentes, fica de cócoras, só coisa feia. Mas o Hércules... O que quer dizer isto? Ele tem a força do Hércules. Isso retrata Canudos da guerra. Aquele povo feio, morrendo de fome, oprimido, mas que teve força e lutou até a Quarta Expedição. É a força, é o Hércules que o Euclides da Cunha fala. Hoje Canudos continua assim, esse povo... Muita gente não é alfabetizada; os poderosos oprimem..." (Marli)<sup>1</sup>*

### CANUDENSES EM SÃO PAULO

Segundo dados do IBGE, o maior número de naturais de outros Estados que vivem na Grande São Paulo são de origem baiana, ou seja, 1.120.588 pessoas (PNAD, 1993). Nesse macro universo inserem-se os migrantes canudenses aos quais se reportará este artigo, cerca de duas mil pessoas que mantêm algum tipo de vínculo com a União pelos Ideais de Canudos-UPIC, fundada em 1992. Os primeiros chegaram na década de 60, abrindo caminho para os futuros migrantes que, nas décadas de 70 e 80, fizeram parte do expressivo deslocamento campo-cidade, conhecido como Êxodo Rural. Nos anos 90, os jovens constituem o contingente mais expressivo. Os primeiros canudenses dessa rede foram trabalhar em fábricas. Atualmente, a maioria trabalha no setor de serviços. Esses migrantes estabeleceram-se sobretudo em bairros da região sul da cidade - Santo Amaro, Taboão da Serra, e

no ABC, em Mauá e em Guarulhos.

### SURGIMENTO DA UPIC

A UPIC-União pelos Ideais de Canudos surgiu em 1992, a partir de um pequeno grupo, com o objetivo de resgatar a cultura e a história de Canudos. A Associação teve seu registro em Cartório aos 20.01.96, mas ainda está em processo de regularização e não tem sede própria. Planeja as atividades através de reuniões periódicas nas casas dos "associados". A UPIC promove encontros de estudo, festas, festivais de música e visita às famílias canudenses, além de manter contatos com outros grupos e entidades visando divulgar a história de Canudos. Em 1995 estabeleceu ligação com o Serviço Pastoral dos Migrantes-SPM<sup>2</sup>, passando a fazer parte da rede de grupos específicos de migrantes organizados da Grande São Paulo. O atual presidente da entidade, José Alôncio, chegou a São Paulo no ano de 1977, com 13 anos de idade. No ano de 1989 retomou os contatos com Canudos:

*"Todo o pessoal falava de Canudos. Foi uma febre. Parecia que eu estava deslocado do mundo. Então comecei a ver que minha história era importante e que meus bizavós faziam parte desta história. Vi que eu tinha que levar esta história adiante; que tinha que fazer algo"<sup>3</sup>. (José Alôncio)*

Voltando a São Paulo, partilha suas inquietações com parentes e amigos e, juntamente com Cristina Guimarães, que havia participado em Canudos, da fundação da ACEPAC-Associação Canudense de Estudos e Pesquisas Antônio Conselheiro -, e Delires Brun, religiosa que também atuara em Canudos com as Comunidades Eclesiais de Base, lançam a idéia de constituir, com os descendentes, um grupo para refletir sobre a história de Canudos. As conversas acontecem nas casas dos canudenses, em ambiente de confraternização. A metrópole de São Paulo apresenta para eles uma realidade inquietante: a discriminação ao nordestino, ao baiano de modo especial.

Em meio às perdas e ganhos do mundo

urbano, a memória de Canudos torna-se resposta de auto-afirmação. *"Nós, nordestinos, já somos discriminados por sermos considerados ignorantes. Então, quando a gente parte de uma cidade para outra, a gente já começa a sofrer diferenças. Em forma de estudo, trabalho, em tudo. De repente, a única forma de ir contra isso foi mesmo formar um grupo. Vamos lutar contra isso porque as coisas têm que mudar. Porque, de uma certa forma, São Paulo é formado de nordestinos. É o maior número de nordestinos. E por que isso? Por que a discriminação? Então a única alternativa que a gente tem é lutar contra isso, a discriminação"*. (Cristina)

A história desses migrantes denota uma busca de encontro com as raízes, história de alguém cuja memória sobreviveu à migração. Memória em devir, capaz de resurgir. Nosso objetivo não é, pois, reconstituir a história de Canudos, mas perceber como a memória (e o imaginário) transforma esse sujeito coletivo, centro de nossa atenção.

Essa memória, tecida em novo contexto e com novos significados, move no presente esse sujeito. Uma de suas expressões pode ser identificada no Primeiro Encontro dos Canudenses, realizado no Jardim São Luís, em 13 de outubro de 1996, com cerca de 120 participantes. O espaço, alugado de uma entidade assistencial, possibilitou a convivência. Enquanto alguns permaneciam no interior de salão participando da pequena celebração ecumênica, outros ficaram do lado de fora, junto ao churrasco, reencontrando amigos e parentes, muitos dos quais primos de primeiro e segundo graus. O bingo e o forró adentraram a tarde. Alguns que não se conheciam, acabavam por se situarem após a identificação. Percebemos então que a rede de parentesco não era nada desprezível.

Neste primeiro encontro, evidenciava-se a existência de um grupo coordenador, circundado por um grupo maior cujo interesse principal era apenas manter seu vínculo com essa rede sem maiores compromissos. O grupo articulador do encontro tinha um objetivo determinado: reavivar nos demais canudenses a memória de Canudos, fato que podia ser constatado olhando as frases de alguns cartazes que

ilustravam a sala: "Canudos, esperança dos excluídos"; "Canudos, terra livre - povo livre"; "Canudos está espalhado pelo país. O povo organizado vai vencer"; "Canudos não se rende. Está vivo na união do povo".

No folheto de cantos encontramos a música "Homenagem a Canudos", de Zequinha do Violão, cujo refrão diz: "Eu também sou a imagem de um guerreiro. Sou filha(o) de nordestino, da terra de Conselheiro". Outro refrão evocava a ressurreição de Canudos: "Canudos outra vez vai florescer. A vida como um galho vai frondar. A luta pela terra gera o pão. Amores vão de novo começar". À primeira vista, destaca-se a evocação militante, onde a imagem de Canudos representa a organização do povo em busca de uma nova sociedade.

### **A MEMÓRIA RESISTENTE EM CONFLITO COM A MEMÓRIA OFICIAL**

"...Os Sertões funcionaram, e em certos setores ainda funcionam, como um exorcismo junto à intelectualidade brasileira. Era preciso sacrificar o Conselheiro no altar da honorabilidade brasileira para que a elite do país pudesse recuperar-se do trauma causado pela memória de uma ação tão covarde por parte do governo do país diante de uma comunidade de pobres sertanejos". (Hoornaert, 1997: 81-82).

Segundo Calasans (1986), após 1902 o estudo do episódio de Canudos passou a ser feito, durante 50 anos, exclusivamente via "Os Sertões". Influenciado pelo positivismo e evolucionismo, Euclides da Cunha aposta na extinção do que ele denominou "sub-raças sertanejas do Brasil" (Cunha, 1997: 7). Esse pensamento passou elites litorâneas e agrárias pois não se tratava apenas de um embate entre litoral e sertão. No enfoque euclidiano, a vítima foi culpabilizada. O Conselheiro, acusado de responsável pela guerra. Tudo isso penetrou as massas, moldando seu imaginário e gerando, por décadas, o medo de uma nova guerra, caso a memória dos vencidos fosse, de algum modo, reavivada. Durante o Regime Militar, essa memória permaneceu nos porões do silêncio. Seus herdeiros correriam o risco de serem vistos como potenciais subversivos. Além do medo, "o silêncio parece impor-se a todos

aqueles que querem evitar culpar as vítimas" (Pollak, 1989: 6). Como reproduzir a memória conselheirista, se o Conselheiro e seus seguidores eram responsabilizados pela guerra e toda destruição dela advinda?

*"Até meus 13 anos (1977), eles (os avós) não passaram a história de Canudos porque ninguém conhecia, ninguém falava. Era negócio meio proibido. Falar de Canudos, falar da guerra, de Conselheiro, era contravenção. Pôxa, negócio que Antônio Conselheiro era o pior mal da terra; era considerado comunista, sectário, ou então fanático religioso. E então era proibido falar dele... O pessoal queria mais era esquecer tudo isto. O pessoal se sentia mal..."* (José Alôncio)

*"Antônio Conselheiro teve um filho, por nome Joaquim Aprígio. Ninguém sabe de sua família, dos sobreviventes, pelo fato de eles se esconderem. Eles tinham medo de algum tipo de repressão"*. (Cristina)

Foi a partir da década de 80, com a atuação de religiosos adeptos da Teologia da Libertação, que se iniciou não só a quebra do silêncio sobre Canudos, como também, a elaboração de um discurso militante, típico das CEBs, que resgata Canudos como resistência dos oprimidos frente aos opressores<sup>4</sup>.

*"Então a gente começou um trabalho com as comunidades e uma das coisas que a gente observava era que o povo sentia medo de falar de Canudos, da história deles... É que eles tinham incorporado a história do lado opressor. Então a gente começou a analisar a história deles, a história do oprimido. Nós começamos devagar; começamos a fazer algumas caminhadas, tentando trazer presente alguma coisa, dizendo que o pequeno tem valor, especialmente através de cantos"*. (Ir. Delires)

O setor progressista da Igreja Católica representou a escuta que garantia a não punição por aquilo que se diz. (Pollak, 1989: 8) Uma escuta que não só diminuiu a censura circundante, como também exaltou a história de Canudos no contexto da história das resistências e lutas populares no Brasil.

*"Então começamos a visitar as famílias e a sentir seus dramas, problemas, e um dos problemas mais sérios que estavam acontecendo na época era o proble-*

ma do fundo de pasto<sup>5</sup>. Então a gente sentiu que não adiantava falar de Deus sem escutar todos esses dramas e várias outras situações que a gente começou a sentir lá em Canudos". (Ir. Delires)

A organização de comunidades possibilitou aos canudenses não apenas contraporem-se à versão oficial, como resgatar a auto-estima, o orgulho de fazer parte da descendência dos "conselheiristas". Nesse sentido, dois textos são emblemáticos: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte" e "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo..." (Cunha, 1997: 7 e 642). Abertos à crítica os canudenses puderam reler os fatos políticos, econômicos e sociais que marcaram e marcam a história da região. É o caso, por exemplo, da construção do açude de Cocorobó, em 1968, como projeto de combate à seca. Redescobrimos na memória dos "vencidos", o grupo de migrantes canudenses em São Paulo suspeita das intenções da construção do açude:

"...eu não sei se foi exatamente a propósito, para cobrir os vestígios da guerra. Eu diria vergonha do governo, porque era uma pequena barragem e de repente se estendeu até Canudos e até onde existiam sobreviventes, a Igreja que foi construída por Antônio Conselheiro, onde existia de fato a verdadeira história. Era uma pequena barragem, eu diria até que um pouco distante. E, da noite para o dia, a barragem encheu e acabou". (Cristina, 25.10.97)

"O que eles queriam mesmo era acabar com os vestígios de Canudos, para que todo aquele museu arqueológico da história de Canudos ficasse submerso nas águas. Para que a história de Canudos só fosse conhecida pelos livros..." (José Alôncio).

Para Halbwachs (1990) a memória é sempre consciente, coletiva, social e no grupo encontra sua possibilidade e apoio. Mas, como há várias memórias, não está descartado o conflito. O passado reinterpretado serve para manter a coesão do grupo dos migrantes canudenses. A comunidade afetiva é pressuposto da lembrança, onde se articulam códigos e significados. Pois bem, esta memória construída pelos migrantes canudenses representou

um deslocamento: deslocou a memória do seu enquadramento na memória oficial para o enquadramento na memória dos silenciados. É trabalho de reenquadramento, porque "o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo". (Pollak, 1989: 10)

Para esses migrantes, o contato com seu espaço de origem constitui um elemento importante na tessitura de sua memória. Tanto para Halbwachs como para Pollak, o espaço e as lembranças sensoriais adquirem particular importância para a construção da memória. No retorno passageiro a Canudos, os migrantes defrontam-se com o permanente cenário desolador da seca. É, em boa medida, o cenário do passado que evoca lembranças, articula tradições orais do povo e conhecimentos adquiridos após a migração. A distância, o fato de estar vivendo na Grande São Paulo, produz uma atenção maior para com os detalhes do lugar de onde se saiu, uma redescoberta, no retorno, ao contato com "quadros espaciais".

A distância vivida abre-lhes os olhos ainda mais. Canudos agora está em diálogo com outras realidades, outros mundos - a modernidade vivida agora, de forma mais intensa, na metrópole de São Paulo. Aquele cenário não é apenas um museu arqueológico: foi o lugar escolhido pelos "nômades" do sertão, ávidos de liberdade. O migrante vê seu rosto no espelho desta história épica na qual o fracasso faz aumentar a teimosia<sup>6</sup>. Sua trajetória migratória representa um tipo de heroísmo. Quando repete que "O sertanejo é um forte", de alguma maneira experimenta isto em sua vida. Os obstáculos transcorrem no tempo: sejam as expedições que os antigos sertanejos tiveram que enfrentar, seja o trabalho nas linhas de produção das fábricas de São Paulo ou a discriminação. Os tempos misturam-se para compor a memória. De certa forma, há uma co-naturalidade com as raízes. Para recriar e dar vida a essas raízes, o migrante preenche com o imaginário as informações que lhe faltam ou que foram esquecidas.

"Nestes 20 anos, o Conselheiro passou pelo Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, até chegar na Bahia. Em todos estes locais, ele ia pregando, dando conselhos onde passava. Fazia obras também:

estradas, cemitérios, igrejinhas e, com isso, ele ia adquirindo um monte de adeptos. Aí, chegou na região de Canudos, encontrou esse ambiente propício para ele fundar a comunidade. Aí ele começou a colocar em prática o ideal dele... Com isso, muitos senhores de engenho do Nordeste começaram a perder a sua mão-de-obra para Canudos, porque o pessoal ouvia falar...; pôxa, Canudos era o Eldorado, lá não tem negócio de discriminar, de ditadura, entendeu?". (José Alôncio)

Neste rico imaginário, o tempo não é linear. Entrecruza o tempo da segunda Canudos (tempo da ditadura militar) com o tempo da discriminação (tempo da cidade). Essas formas opressivas, no entender dos migrantes, "não existiam na velha Canudos" que transcende o tempo para se estabelecer no tempo mítico dos heróis da resistência sertaneja, "nossos antepassados...".

Os discursos desses migrantes confirmam que a memória é mutável, flutuante, mas que também possui marcos relativamente estáveis (Pollak, 1992). Isto porque as várias narrativas possuem pontos comuns que sustentam a representação do grupo. Um passado tão forte; uma memória quase que herdada (Pollak, 1992). Não uma herança acabada, pois a fonte, envolta de mistério, possibilita a recriação. Por isso, o mito não se esgota nos feitos da guerra de Canudos, mas no tempo que lhe é anterior, quando, na comunidade de Belo Monte, "não se passava necessidade". Mas essa memória carregada de mistério é também reconstrução. Ela é uma imagem reconstruída a partir do presente, a partir de outras reconstruções que já foram realizadas. "Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos, verdadeiros 'universos de discurso', 'universos de significados', que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos". (Bosi, 1979: 27) Memória que tem a ver com o presente e não só com o passado. Ela, com suas reminiscências, vai ao passado e volta ao presente. Por isso, ela não copia o passado mas procura moldar um consenso de interpretação. Reconstrói na metrópole a imagem de si, para si e para os outros. A

memória, que vai sendo organizada<sup>7</sup>, visa igualmente alcançar o reconhecimento dos outros.

## MEMÓRIA E IDENTIDADE

A memória permite-nos falar em identidade enquanto devir e não enquanto ser<sup>8</sup>. Devir, porque memória é identidade em construção. Os migrantes canudenses engajados em reafirmar sua alteridade percebem que nem sempre são compreendidos. O atributo “nordestino” pode ser carregado pelo discurso do orgulho, ou pelo discurso do estigma, e este último permeia sutilmente as relações cotidianas dos migrantes e lhes impõe fronteiras. É preciso então negociar (Pollak, 1992), ou seja, travar o diálogo de convencimento, construir-se levando em conta outros indivíduos, grupos, sujeitos, alguns adversos.

Esta construção da auto-imagem num contexto de discriminação no qual as lembranças moldam a identidade ganha impulso quando a memória trabalha sobre si mesma (Pollak, 1992), tem a ver com o encontro das pessoas consigo mesmas, no interior da migração. Mesmo os jovens canudenses que não tiveram experiências significativas na região de origem, podem, pelo fato de terem nascido na região, participar intensamente desta memória incorporando-a a partir deste grupo da cidade de São Paulo, e fazer parte do seu processo de subjetivação. Quando evoco determinados acontecimentos sem os ter vivido, “sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir”. (Halbwachs, 1990: 54)

Certa vez, os integrantes da UPIC reuniram-se para estudar os personagens de Canudos: Antônio Conselheiro, Antônio Beatinho, Pageú, Joaquim Macambira, Manuelzão, Antônio Vila Nova, entre outros. Descobriram que o nome de 13 personagens da história de Canudos começa por Antônio. Alôncio lembra que o padroeiro de Canudos é Santo Antônio, e até, por coincidência, um grande inimigo de Canudos chamava-se Antônio Moreira César. É provável que toda esta busca e descoberta dos personagens implique também a busca do sentido da trajetória pessoal no encaixe com a memória de seu

povo. Aqui, novamente, o caráter épico, heróico da narrativa de Canudos<sup>9</sup>.

## CANUDOS: A FONTE

*“Canudos é como se fosse uma fonte: de vez em quando você tem que ir lá... As informações que nós temos aqui são provenientes de lá. Então, aqui o nosso grupo também tem o sentido de divulgar algumas coisas que acontecem lá. Existem músicos de Canudos que vêm fazer show em São Paulo; a gente acompanha este cara, faz programas nas rádios comunitárias. Um pouco de divulgação da nossa história aqui em São Paulo. Agora, o forte mesmo da história de Canudos está lá na fonte...”* (José Alôncio)

Para os canudenses que fizeram a passagem da migração vivendo a liminaridade do nem lá e nem cá, captando a discriminação sistemática, recebendo o irônico e irreverente tratamento que é dado ao termo *baiano* a todo nordestino que está em São Paulo, Canudos é o ensaio do salto. É história que fornece raiz aos “desenraizados” para que estes possam ser sujeitos capazes de reivindicar o direito à cidadania, negada aos antepassados por todo um século. A memória é reelaborada pelos migrantes com reminiscências de que eles dispõem, sem esquecer que têm diante de si a permanente ameaça de introjeção dos estigmas. (Baptista, 1997)

Canudos é, para esses migrantes, a permanente luta frente aos quadros sociais hegemônicos que pretendem determinar quem é o cidadão, como deve ser a religião e de quem será a narrativa reconhecida da história.

## MEMÓRIA, IMAGINÁRIO E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

O canudense quando migra tem a possibilidade de, junto com seus conterrâneos, afirmar sua alteridade através da memória de Canudos. O grupo da UPIC envolve pessoas com uma faixa etária relativamente jovem. Nelas, a memória teve especial impulso após a migração. A memória militante que o setor progressista da Igreja da Libertação trabalhou/organizou num espaço de tradicional dominação agrária, ca-

racterizado pela mesmice da seca e falta de perspectivas, fez surgir a novidade do resgate da história de Canudos. Mas o impacto para os jovens foi mesmo ter saído do seu lugar em busca de perspectivas de vida. Até que a novidade maior, para um pequeno grupo, veio com a redescoberta da origem como fonte propulsora do presente.

Pelo que temos observado, essa memória constrói o sujeito e vice-versa. O sujeito tece a memória e completa suas lacunas com o imaginário. Ele não se sente incapaz ao perceber que ainda desconhece muitos elementos históricos sobre seu assunto. Porém, a representação é mais que o acontecimento: é sua re-criação. As lembranças fragmentadas se entrelaçam com pedaços do presente e do imaginário. Daí que esta memória dos migrantes difere do enquadramento da memória na região de origem. No presente, o grupo organizado de canudenses de São Paulo destaca a emancipação, característica da modernidade (Santos, 1996) ao reler Canudos. Os personagens de cem anos atrás ganham vida segundo o imaginário do migrante que tem na cidade seu contexto. A forma artesanal de contar entrelaça versões que enriquecem a memória, não a pulveriza. Mas o imaginário completa o sentido e abre-se à utopia sem tirar os pés do real. Recriar, dar rosto aos personagens de Canudos, ilumina a ação dos canudenses no presente. Porque “...o objeto ausente é re-(a)presentado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo”. (Durant, 1988: 12)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer suas narrativas, esse grupo de canudenses torna-se o primeiro intérprete. Deles recebemos uma interpretação que se gestou ao longo destes cem anos, passando por longos silêncios, onde o não dito esperou o momento propício para aflorar. Essa memória tem os pés no presente e no passado, reportando-se a Antônio Conselheiro andarilho, anterior a Canudos. Sua significação abrange o real com seus conflitos e o imaginário que faz tempos diferentes se cruzarem. Essa dinâmica polifônica multiplica-se nas memórias reconstruídas aqui e ali. Em nosso caso, a

memória a que nos referimos atua sobre si mesma, no presente. Ela não está na vanguarda do debate acadêmico que atualmente promove a revisão histórica de Canudos, mas participa desse diálogo, empenha-se para que sua reconstrução alimente a libertação do sujeito e a participação na mudança social.

O próprio fato histórico de Canudos aponta para elementos que relacionam o subjetivo ao político - daí sua riqueza, nas possibilidades de construção permanente do sujeito. A forma de o canudense participar como sujeito é resgatando sua história na dinâmica da memória que brota na inter-relação com o presente para recriá-lo e atribuir sentidos inspirados nos ideais outrora anunciados.

O Encontro das pessoas no patamar da comum significação do fato libertário de Canudos cruza lembranças que moldam a nova memória. Em 1997, o Centenário de Canudos repercutiu nos meios de comunicação social, escolas e outras instâncias, arrancando do silêncio o debate sobre o acontecimento. Repercutiu sobremaneira nos canudenses, que se sentiram no dever de explicitar sua origem de forma mais determinada. A vida dos migrantes está em permanente risco de fragmentação nestes tempos de pluralismos e rupturas. A massificação, que produz o esquecimento, desafia esses narradores e narradoras a saírem do anonimato e a tecer sua memória para se construírem como sujeitos. É nesse processo que a memória de Canudos condensa-se para resgatar um sentido referencial de vida e ação emancipadores.

\* José Roberval Freire da Silva é pós-graduando em Ciências Sociais pela PUC-SP e integrante do SPM-Serviço Pastoral dos Migrantes.

## NOTAS

1- Fala de Marli no interior do ônibus que partiu de São Paulo para Canudos, com mais cinco mulheres canudenses e 38 participantes de CEBs, pastorais e outros movimentos sociais, para o Romaria do Centenário: "Cem anos do massacre no sertão: 1897-1997", 25/10/97. A comparação do sertanejo a Quasimodo e a Hércules encontra-se em Euclides da Cunha, 1997, p. 129.

2- SPM-Serviço Pastoral dos Migrantes, fundado em 1986, articula trabalhos com migrantes em nível nacional. Vincula-se ao Setor Pastoral Social da CNBB.

3- Alôncio descobriu que seu bizavô, Serafim, lutou na guerra de Pagueú, um guerreiro destacado de Canudos. No final da guerra, Serafim teria conseguido escapar refugiando-se numa gruta chamada Toca da Onça. Nos depoimentos, Alôncio fala de seu bizavô com tamanha familiaridade e importância, chamando-o várias vezes de avô. Lucila, filha de Serafim, foi a avó que criou Alôncio. "Ela garante que Moreira César percorreu a fazenda Barriguda, embora o episódio não seja mencionado por qualquer estudioso. Conta que seu pai, Serafim Ferreira de Santana, foi jagunço, combateu o comandante da terceira Coluna, tendo conseguido escapar à destruição do Arraial, morreu com 90 anos. Seus avós, Francisca e Paulo, porém, perderam a vida na guerra sertaneja" (Revista da Faeeba, Jan/Jun/93). O irmão de Serafim, Pedro Serafim, foi o emissário que o Conselheiro enviou a Juazeiro para buscar o carregamento de madeira encomendado a um grande comerciante. Chegando lá, para sua surpresa, ele ouve um boato de que os conselheiristas iriam invadir a cidade. O boato foi desencadeado pelo juiz de direito Arlindo Leoni, antigo inimigo de Conselheiro em Bom Conselho (cf. VV.AA. "Cartilha Histórica de Canudos", 1991).

4- Certamente contribuiu para o novo interesse sobre Belo Monte o importante ativismo, nos anos 80, da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base... (do texto de Mário Maestri, "Canudos: história e historiografia" (mimeo), 1997.

5- Terra comum, campo aberto, usado por várias famílias para o criatório de seus rebanhos. A grilagem de terras por parte dos fazendeiros e especuladores é uma ameaça constante a este uso coletivo.

6- Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, passou por fracassos pessoais: numa infância turbulenta, perde alguns parentes, assassinados no conflito com a família dos Araújo; adulto, vê sua esposa partir com outro; seus negócios fracassam... Como andarilho é, a princípio, o beato, peregrino teimoso que domina as estradas do sertão, reformando cemitérios e igrejas, até ser o "Conselheiro", portador de um discurso que incomodará as autoridades e a Igreja Católica da época.

7- Segundo Pollak (1992: 203-204), esta organização é seletiva. Alguns detalhes são conscientemente ou inconscientemente relegados ao esquecimento. Gravar, recalcar, destacar faz parte desta organização da memória, nem sempre sem conflitos ou disputas pela hegemonia no interior do seu processo de construção. O caráter involuntário da memória é encontrado também em Proust (1992, pp. 12; 152-154).

8- Segundo Penna (1992), "...é preciso abandonar qualquer enfoque da identidade que a conceba necessariamente como monolítica, única ou estável ou ainda dotada de existência própria".

9- Uma questão que penso merece ser trabalhada é a seguinte: como conciliar a visão do sertanejo forte, lutador, que quer vencer, com a situação de eliminação das possibilidades de

trabalho, restrição ao estudo, etc.? Forrester (1997: 16) mostra que a lógica do atual sistema produz os sem-trabalho, os quais estão sendo culpabilizados por não serem "lucrativos ao lucro". Esta culpabilização é facilmente atrelada hoje à discriminação.

## BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Dulce (org.)

(1997) "Construção da subjetividade e da cidadania do migrante: uma reflexão crítica". In: *Cidadania e Subjetividade - novos contornos e múltiplos sujeitos*. São Paulo, Imaginário.

BOSI, Ecléa

(1979) *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz.

CALASANS, José

(1986) "Canudos não Euclidiano - Fase anterior ao início da guerra do Conselheiro". In: ARAÚJO, Jerusa Gonçalves de (org.) *Canudos: subsídios para sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, pp.1-21.

CUNHA, Euclides da

(1997) *Os Sertões*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 38ª edição.

DURANT, Gilbert

(1988) *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo.

FORRESTER, Viviane

(1997) *O horror econômico*. São Paulo, Ed. Unesp.

HALBWACHS, Maurice

(1992) *A Memória Coletiva*. São Paulo, Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 12ª edição.

HOORNAERT, Eduardo

(1997) *Os Anjos de Canudos - Uma revisão histórica*. Petrópolis, Vozes, 2ª edição.

PENNA, Maura

(1992) *O que faz ser nordestino - Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo, Cortez.

POLLAK, Michael

(1989) "Memória, Esquecimento e Silêncio". In: *Estudos Históricos* nº 3. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, pp. 3-15.

POLLAK, Michael

(1992) "Memória e Identidade". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, V. 5, nº 10, pp. 200-215.

PROUST, Marcel

(1992) *O Tempo Redescoberto*. São Paulo, Ed. Globo, 12ª edição.

SANTOS, Boaventura de Souza

(1996) *Pela mão de Alice*. São Paulo, Cortez. Revista da Faeba

*Centenário de Belo Monte - Canudos 1893-1897*. Ano II, nº especial - Jan-Jun/93, UNEB-Universidade do Estado da Bahia.

VV.AA.

(1991) *Cartilha Histórica de Canudos*. Salvador, Prefeitura de Canudos e UNEB.